



SOCIEDADE ABERTA

O desnorte



Domingues de Azevedo

Bastonário da
Ordem dos Técnicos
Oficiais de Contas

A semana que passou ficou marcada por uma efeméride de má memória para o nosso País e que para sempre ficará registada nos anais da história nacional pela transformação no modo de vida que vai provocar: o pedido de regaste do Estado português.

Já aqui o disse, e mantenho, provavelmente com reforçada convicção, a mesma ideia:

a 'troika' foi a pior coisa que podia ter acontecido a Portugal nos últimos tempos. Com a agravante de o Governo ter enveredado por uma receita ainda mais radical do que a prescrita pelo FMI, Comissão Europeia e Banco Central Europeu. Apostou-se tudo do lado da receita, descurando-se o prioritário e prometido combate à "monstruosa" vertente da despesa.

Este programa de ajustamento está a deixar cicatrizes profundas.

Há um ano que nos encontramos reféns de entidades externas, que confinaram a nossa margem de manobra a um nível residual, para não dizer nulo. Aumentaram os problemas, escasseiam as soluções. Só as exportações salvam a "honra do convento".

Mas será suficiente para impulsionar a definhada economia? Dificilmente, para não dizer impossível.

Assistir a um dos telejornais do horário nobre é uma verdadeira dor de alma. Impostos e mais impostos, combustíveis a aumentar, as desigualdades sociais cada vez mais profundas. Na "bolsa de apostas" das sinistras agências de notação, a Grécia já não faz parte deste campeonato e Portugal parecer ser a peça de domínio que pode arrastar espanhóis e italianos para o abismo.

Do nosso regresso aos mercados, que ninguém consegue definir ao certo quando será, dependerá uma réstia de esperança com vista à recuperação.

A ânsia do Governo de demarcar Portugal da Grécia pode ter um efeito contraproducente. A coesão e a estabilidade social, um valor inestimável de que os portugueses muito se orgulhavam, pode estar verdadeiramente em risco.

Se a coesão política vacilar, como aconteceu na semana passada, então é de prever o pior. Foi verdadeiramente surpreendente a descoordenação e, pior do que isso, a incoerência que o Governo da maioria demonstrou, quando ainda não acumula um ano no exercício do cargo. "Lapsos" acontecem aos melhores, e errar só acontece mesmo aos que fazem alguma coisa, mas são menos aceitáveis quando os dois membros mais importantes do Executivo se enredam em argumentos contraditórios. A "cacofonia" gerada sobre a reposição dos subsídios de férias e Natal e a suspensão mantida em segredo das reformas antecipadas foram o primeiro deslize sério, especialmente porque estamos perante matérias que mexem com a vida de milhões de portugueses.

Pior que a machadada de ver expectativas frustradas, é ouvir falar com leviandade sobre assuntos demasiado sérios e que contribuem para solidificar ou desagregar a coesão social. Falar verdade, mesmo que doa ouvir, e reformar o Estado foram imperativos fundadores deste Governo. Numa altura em que se assiste ao inverso do que se prometeu, não é de espantar que a pergunta corra de boca em boca: a austeridade vai mesmo valer para alguma coisa? ■

Artigo redigido segundo
o Novo Acordo Ortográfico